

O CORPO E O OBSERVADOR NA DISCURSIVIZAÇÃO

Ricardo Lopes Leite

Doutor em Linguística. Professor adjunto do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará. Correio eletrônico: rleite@ufc.br

José Américo Bezerra Saraiva

Doutor em Linguística. Professor adjunto do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará. Correio eletrônico: jabsaraiva@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta a noção de *observador* e analisa seu papel na discursivização do texto, fundamentando-se nos estudos da semiótica discursiva. Pode-se definir o observador como uma instância do corpo semiótico, uma posição enunciativa simulada pelo texto, cuja função é determinar os diferentes modos de percepção dos objetos textuais. Apresenta-se, inicialmente, a noção de *corpo* adotada pelos estudos semióticos; caracteriza-se, em seguida, o *observador*, a partir da relação entre corpo, tensividade e enunciação. Finalmente, demonstram-se diferentes possibilidades de apreensão perceptiva do observador, bem como seu papel de agenciador e organizador cognitivo dos conteúdos durante o processo de discursivização.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo; observador; percepção; discursivização.

ABSTRACT

This paper introduces the notion of observer as well as it analyzes its role within text discursivization, based on Discursive Semiotics studies. One can define observer as an instance of semiotic body, an enunciative position that text fakes, whose function is determining different perception modes of text objects. Firstly, this study introduces the semiotic notion for *body* that studies in Semiotics adopt; secondly, it characterizes the concept of *observer* from the relationship between body, tensiveness and enunciation. Finally, it demonstrates observer's different possibilities of perceptive apprehension, as well as his role of manager and cognitive organizer of contents, during discursivization process.

KEYWORDS: Body; observer; perception; discursivization.

INTRODUÇÃO

O interesse pelo estudo do corpo em semiótica discursiva vem ganhando impulso diante da necessidade de se relacionar seu modo de presença na constituição do sentido. Se se parte da perspectiva do *discurso em ato*, isto é, do processo discursivo propriamente dito, o sentido não pode mais ser definido como um efeito textual calculável a partir de uma simples organização de elementos linguísticos, pelo fato de que emerge dos vínculos diretos que cada um de nós mantém com o mundo ao seu redor.

Landowski, em comentário à edição brasileira do livro *Da imperfeição*, de Greimas (2002), afirma que é preciso conceber o sentido como um efeito, um resultado do modo como nos relacionamos com a própria presença dos objetos, independente de serem uma obra de arte, algum elemento da natureza ou o discurso de outro sujeito. De acordo com ele, os efeitos de sentido decorrem de um processo bastante complexo em que desempenham papel fundamental não só a cognição, o inteligível, mas também as disposições sensoriais, o sensível.

Para um semioticista, entretanto, analisar essa comunhão entre o inteligível e o sensível não constitui tarefa simples, dado que o acontecimento discursivo dificilmente convoca uma dessas grandezas sem mobilizar a outra. Daí, a possibilidade de se conceber o corpo como aparato semiótico, sensível às modulações do meio, modulações estas que serão organizadas interna e externamente em formas semióticas. Assim concebido, o corpo se constitui como elemento articulador de expressão e conteúdo, elemento estabilizador da função sígnica. É a partir da concepção teórica do operador *corpo*, enfim, que se pode examinar a articulação desses dois regimes de apreensão do real (o inteligível e o sensível) simuladas no discurso, via função semiótica.

Neste artigo, examinamos a noção de *observador*, um desdobramento da ideia de corpo, desenvolvida principalmente nos estudos de Fontanille (1989; 1999; 2007) e de Bertrand (2003). Ao explorarmos, no decorrer do artigo, aspectos atinentes à percepção, à

tensividade e à visão semiótica de enunciação, pretendemos analisar a emergência e a função do *observador* na discursivização.

O CORPO SEMIÓTICO

Em semiótica discursiva, o termo *corpo* remete aos estudos sobre percepção em Merleau-Ponty (1999), nos quais o filósofo francês propõe a aquisição do conhecimento a partir da percepção e do movimento, destacando o papel do que ele denomina *corpo próprio*: uma entidade experiencial, em que o interno e o externo, o biológico e o fenomenológico se comunicam, sem oposições. Nessa perspectiva, abandona-se o conceito mentalista de representação e põe-se em relevo um corpo capaz de fazer emergir um mundo ao mesmo tempo em que é conformado por este. Senão, vejamos:

Visível e móvel, meu corpo conta-se entre as coisas, é uma delas, está preso no tecido do mundo, e sua coesão é a de uma coisa. Mas, dado que vê e se move, ele mantém as coisas em círculo a seu redor, elas são um anexo ou um prolongamento dele mesmo, estão incrustadas em sua carne, fazem parte de sua definição plena, e o mundo é feito do estofa mesmo do corpo (MERLEAU-PONTY, 2004:17)

Assim caracterizada, essa noção dilui a distância teórica entre sujeito e objeto, uma dicotomia cara ao pensamento ocidental, haja vista a experiência de percepção do corpo ser extensiva à experiência de percepção do mundo, o que resulta em aparente equivalência entre aquele e a própria unidade do ser, marcada por uma espécie de continuidade, por uma junção plena, na qual não se sabe, ao certo, onde termina o sujeito e começa o objeto.

Do ponto de vista semiótico, todavia, essa equivalência é rompida, na medida em que, pela linguagem, corpo e mundo disjungem-se, a fim de que se estabeleça um campo de presença, capaz de orientar e controlar o conjunto de grandezas convocadas em um dado discurso. No entanto, se, por um lado, essa cisão rompe a continuidade *corpo-mundo*, por outro, instaura a busca pelo sentido.

Dessa maneira, ao enunciar, a instância do discurso enuncia sua própria posição, o que nada mais é do que “a posição que o

sujeito da percepção atribui-se no mundo quando ele se põe a apreender seu sentido” (FONTANILLE, 2007:43). O ato de predicar, ou se preferirmos, de enunciar, consiste, por conseguinte, em organizar o espaço discursivo em torno de um centro sensível. De fato, ao “tomar posição”, o corpo instala uma área de referência pela qual o discurso inaugura sua enunciação e sua *dêixis* e define os modos de apreensão dos objetos ou grandezas textuais. Dessa tomada de posição, resultam dois atos que definem o corpo como o centro do discurso, o espaço regulador das percepções e das emoções: a *visada* ou *foco* (direção e orientação do fluxo de atenção) e a *apreensão* (delimitação do domínio de pertinência).

Para Fontanille (2007:98), estas duas operações assim se explicam:

A *visada* opera sobre o modo da intensidade: o corpo próprio vai, então, em direção àquilo que nele suscita uma intensidade sensível (perceptiva, afetiva). A *apreensão* opera, em contrapartida, sobre o modo da extensão: o corpo próprio percebe as posições, as distâncias, as dimensões e as quantidades.

Foco e apreensão são, portanto, operações realizadas pelo corpo próprio no momento da percepção. Isto equivale a dizer que não dependem de uma ação consciente por parte do sujeito, da assunção deliberada das posições que enuncia. De acordo com Saraiva (2008:43), “trata-se, na verdade, do substrato de um sujeito fenomenológico cujo corpo é afetado por variações do contínuo, pelas modulações do entorno, que captam sua atenção, transformando-o num sujeito intencional”.

O corpo semiótico pode ser concebido, nesta linha de raciocínio, como a primeira forma que o actante da enunciação assume, pois, antes de ser identificado como um sujeito (*eu*), ele se instala como centro de referência sensível, reagindo à presença que o circunda. Por conta disso, as categorias da *dêixis* (o espaço, o tempo e o actante da enunciação) não constituem meras formas linguísticas, uma vez que se associam, a princípio, a uma experiência perceptiva e afetiva, de presença (FONTANILLE, 2007).

De fato, na perspectiva puramente formal da enunciação, o corpo é concebido como um simples ponto, um centro de referência para a dêixis, imune às modulações afetivas ou passionais do discurso. Fontanille (2007:45) adverte, todavia, que, sob a ótica de uma semiótica tensiva, “ele será tratado como um invólucro, sensível às demandas e aos contatos vindos seja do exterior (sensações), seja do interior (emoções e afetos)”, cuja existência real é apenas pressuposta, sem jamais incidir sobre a análise, pois, mais que apontar para um sujeito empírico como origem do discurso, este aparato sensível o cria.

Se assim for, explicita-se a aproximação entre corpo e sujeito do discurso, conforme podemos observar na citação de Bertrand, para quem o último (2003:82):

[...] é uma posição pura e simples. Instância teórica de que nada se sabe no início, esse sujeito constrói pouco a pouco, ao longo do discurso, sua espessura semântica. Sua identidade resulta do conjunto de informações e das determinações de toda a ordem que lhe dizem respeito no texto.

Noutros termos, assume-se o corpo como instância mediadora da função semiótica: são postos em relação um plano do conteúdo (os estados da alma, de origem interoceptiva) e um plano da expressão (os estados das coisas, de origem exteroceptiva), instaurando-se, dessa maneira, a propriocepção (um dentro e um fora, responsável pelos sentimentos de atração e repulsa), que nada mais é do que a percepção do homem a respeito de seu próprio corpo.

ENUNCIÇÃO E TENSIVIDADE: AS BASES PARA UMA DEFINIÇÃO DE OBSERVADOR

Pelo exposto até agora, é lícito afirmar que o sujeito “real” da enunciação, relegado a uma posição implícita, inapreensível, passa a ser compreendido como um efeito de sentido, manifestado apenas por meio de simulacros linguísticos de enunciações enunciadas (digo, penso, me parece etc.). Isto implica dizer que esse sujeito pode ser

reconstituído apenas por meio das suas marcas, mais ou menos explícitas, presentes no discurso.

Tendo em vista que cada enunciação é única, da ordem do acontecimento, a relação entre sujeito e objeto, por sua vez, nunca será apreendida de maneira plena, em sua totalidade: escolher o que mostrar, ou como mostrar um objeto, significa já "deixar escapar" algo, o que mostra a imperfeição do ato perceptivo. Tal fato, somente confirma uma relação tensiva entre sujeito e objeto que tem lugar no ato enunciativo.

Fontanille e Zilberberg (2001) atentam, todavia, para o perigo da redução do "eu" semiótico ao "eu" linguístico, já que aquele não se limita a um "eu identitário", revelando-se muito mais um "eu oscilatório", afetado e comovido pelos êxtases que o impactam. Vale citar o comentário abaixo, em que os autores esclarecem esse ponto de vista:

O 'eu' semiótico habita um espaço tensivo, ou seja, um espaço em cujo âmago a intensidade e a profundidade estão associadas, enquanto o sujeito se esforça, a exemplo de qualquer vivente, por tornar esse nicho habitável, isto é, por ajustar e regular as tensões, organizando as morfologias que o condicionam (FONTANILLE & ZILBERBERG, 2001:128).

Defende-se, portanto, a ideia de um "eu" que não seja inerte às significações, pois, sendo centro do discurso, dotado de capacidade perceptiva, ressentido, avalia, aprova ou rejeita determinados conteúdos discursivos.

Considerando que o detalhamento dos conceitos e das categorias aplicadas à semiótica tensiva foge aos propósitos deste artigo, complementamos o que foi dito no parágrafo anterior com a seguinte explicação de Zilberberg (2006:169):

- (i) a tensividade é o lugar imaginário em que a intensidade – ou seja, os estados de alma, o sensível – e a extensividade – isto é, os estados de coisas, o inteligível – unem-se uma a outra; (ii) essa junção indefectível define um espaço tensivo de recepção para as grandezas que têm acesso ao campo de presença: pelo

próprio fato de sua imersão nesse espaço, toda grandeza discursiva vê-se qualificada em termos de intensidade e extensidade.

Visto por esse prisma, o discurso passa a ser compreendido como um campo de presença instalado pelo próprio corpo, mas que ao mesmo tempo o comporta, cuja modulação perceptiva ora aproxima determinados conteúdos para o seu núcleo, ora afasta-os para sua periferia, o que resulta em diferentes profundidades ou níveis de apreensão dos objetos por ele visados.

Examinemos, a seguir, o conceito de observador. Logo em seguida, proporemos um exercício de análise, a fim de compreendermos a manifestação desse simulacro perceptivo na superfície textual.

O OBSERVADOR E A DISCURSIVIZAÇÃO

O *observador* consiste em um desdobramento da relação corpo/enunciação, apresentada anteriormente. No *Dicionário de Semiótica*, de Greimas & Courtés (2008:347) encontramos a seguinte definição: “será chamado de *observador* o sujeito cognitivo delegado pelo enunciador e por ele instalado, graças aos procedimentos de debreagem, no discurso enunciado, em que é encarregado de exercer o fazer receptivo e, eventualmente, o fazer interpretativo”.

Essa definição, a nosso ver, não explora, a contento, a atividade perceptiva do observador, da maneira como ocorre, por exemplo, no discurso descritivo.¹ Por esse motivo, preferimos defini-lo, seguindo a acepção de Bertrand (2003), como instância

¹ Esta crítica limita-se à definição presente no tomo 1 do Dicionário de semiótica. No tomo 2, ainda não traduzido para o português, o conceito de observador é refinado com comentários de outros autores sobre o assunto. No entanto, não é possível extrair do verbete uma noção de consenso, dado que de sua elaboração participam Jacques Fontanille, François Rastier e Sorin Alexandrescu, cada qual sugerindo desdobramentos da definição basilar, segundo a qual “o actante observador é um lugar preparado pelo enunciador para o enunciatário, e um dos mais importantes elementos do efeito de real” (GREIMAS e COURTÉS, 1986:156). [l’actant observateur est une place préparée par l’énonciateur pour l’énonciataire, et un élément majeur de l’effet de réel.]

enunciativa do corpo semiótico, capaz de simular o deslocamento do leitor para um lugar ou posição de onde possa perceber determinados modos de apresentação ou perspectivas do objeto visado.

Apesar de o texto simular o deslocamento do observador para uma posição enunciativa, na qual possa exercer sua atividade perceptiva, Bertrand adverte que seu aparecimento depende da discursivização textual; pode tanto ser induzido pela disposição dos objetos no texto quanto explicitado por meio de predicados da percepção (perceber, ver, envolver com o olhar, explorar, examinar etc.).

Com efeito, a sensibilização perceptiva dos objetos textuais permite ao observador agenciar cognitivamente os pontos de vista² que regulam os modos pelos quais o enunciado pode ser apreendido, conforme argumenta Fontanille (1989). Diante disso, o enunciador pode manipular o enunciatário, elegendo um determinado ponto de vista, e, simulá-lo no discurso como sendo a sua própria posição de enunciação, ou ainda, construir um único lugar de observação em que enunciador e enunciatário se encontrem sincretizados, como na aparente objetividade do discurso científico.

Seguindo esse mesmo raciocínio, Bertrand (2003) afirma que o modo de presença do observador implica a exploração de uma orientação discursiva, mediada pelas posições graduais de debreagem e embreagem enunciativas, quer se trate do discurso narrativo, descritivo ou argumentativo. No primeiro caso, o observador pode, por exemplo, dispor a estrutura narrativa sob a perspectiva do herói, deixando oculta a do anti-sujeito, que somente aparece em momentos de prova e sanção; no segundo caso, a ordem de apresentação dos

² O termo ponto de vista recobre ampla gama de conceitos, dependendo da proposta teórica adotada, o que dificulta, muitas vezes, a sua aplicabilidade na análise textual: focalização, perspectiva, dêixis, modalização ou observador. A definição apresentada no *Dicionário de Semiótica*, de Greimas & Courtés (2008:377), por exemplo, é apontada pelos autores como intuitiva e complexa: “um conjunto de procedimentos utilizados pelo enunciador para fazer variar o foco narrativo, isto é, para diversificar a leitura que o enunciatário fará da narrativa, no seu todo, ou de alguma de suas partes”.

elementos, bem como sua disposição espaço-temporal podem convocar conteúdos de ordem cognitiva ou passional que irão interferir na descrição; por fim, no terceiro caso, o observador aparece como um ponto de vista, a expressão de um juízo ou opinião, capaz de determinar o modo como o enunciador instala o discurso de outrem, com o propósito de refutá-lo ou de consolidar seu próprio discurso.

Para analisarmos o papel do *observador* na discursivização, escolhemos um trecho do romance *Manual de pintura e caligrafia*, de *José Saramago*. Trata-se de um discurso descritivo, em que a personagem principal, um pintor, descreve o seu ateliê, após a visita da secretária de um de seus clientes, com quem mantivera relação sexual, e a partida da faxineira, que, no dia seguinte, realizara a limpeza do ambiente:

Estou outra vez no silêncio do atelier, com a rua esquecida em baixo das janelas e as outras divisões da casa recuperando a solidão interrompida, enquanto os objectos mudados de lugar, bruscamente transplantados ou apenas arredados um milímetro, se habitua à nova posição, distendendo-se aliviados, como os lençóis lavados na cama, ou pelo contrário procurando acomodar-se à violência, como os lençóis sujos, enrolados no saco da lavanderia, cheirando a corpo frio (SARAMAGO, 1992:70).

No excerto, deparamo-nos com uma debreagem enunciativa actorial e temporal (*Estou*), em que um *eu* é projetado no enunciado com vistas a simular nele a enunciação. Por um lado, constrói-se dessa maneira um centro de discurso em torno do qual um campo de regulação tensiva se espraia até os limites da *ausência*. Em outros termos, o movimento debreante gera um campo de *presença* discursivo cujas modulações entre intensidade afetiva e extensidade cognitiva conferem orientação a ele. Por outro lado, instala-se no discurso o actante *observador*, que aspectualiza o *fazer* do sujeito *eu* e situa os *objetos* no campo discursivo conforme suas intensidades afetantes. Para nos assegurarmos disto, basta observarmos, por exemplo, que o objeto *rua (esquecida)* está ausente do campo do *eu*, como um não-afetante, mas não deixa de ser percebido pelo

observador. Com este gesto, o enunciador investe na separação entre a dimensão afetiva (própria do *eu*) e a cognitiva (reservada ao *observador*), movimento que vai ganhando força no discurso e que no final recebe a cobertura figurativa dos tipos de lençóis, que consagra a divisão entre o domínio do intelecto e o da paixão.

O trecho em foco descreve a recorrência de um estado de coisa correlato a um estado de alma (GREIMAS e FONTANILLE, 1993). O *eu* projetado no enunciado vive a retomada da *quietude* suspensa por um acontecimento de caráter *intenso*, que “inter-rompe” o estado de andamento desacelerado próprio da *quietude*. Trata-se, pois, de um acontecimento impactante, de *curtíssima duração* e de *intensidade tônica*. A expressão “outra vez” denuncia o restabelecimento desta paixão *lenta*, que aos poucos se estende pelo campo discursivo ganhando novamente a densidade de presença perdida.

O emprego da série de gerúndios é uma evidência da aspectualidade cursivo-progressiva com que a *quietude* vai readquirindo sua dominância neste fragmento de texto: “recuperando”, “distendendo-se”, “procurando” e “cheirando”. Para além disto, as formas verbais “habituar” e “acomodar-se” reforçam a ideia de retomada gradual do antigo estado de coisa/alma eufórico, pontualmente suspenso pelo impacto do acontecimento. E as lexias “silêncio”, “esquecida” e “solidão” são figuras da *ausência* e manifestam a tomada de posição do observador favoravelmente aos estados de paixão *lenta*. Não temos aqui, como se poderia pensar, um estado de inanição passional completa, pois há no campo de presença do discurso um elemento afetante: o objeto modal *saber*, para o *observador*.

De fato, o observador *quer-saber*. É na progressiva reorganização espaço-temporal dos objetos no campo de discurso que o *observador* parece ir recuperando seu *status* de actante do *hiper-saber*, delegado pelo enunciador. “A rua esquecida em baixo das janelas”, como dissemos, é mais um objeto que se dá à observação e, como tal, não pode escapar à percepção do observador. Se ela se apresenta “esquecida”, é por conta de estar fora do campo

de percepção do actante do enunciado “*eu*”. Em suma, pode-se dizer que, na retomada gradual de sua função cognitiva, o observador sabe da presença da rua no campo discursivo, mas o *eu*, não.

A nosso ver, a *quietude* abalada assume neste texto a condição de termo *extenso*, cuja densidade de presença no campo discursivo é tratada como *eufórica*, na perspectiva do *observador* que acompanha os desdobramentos decorrentes da vivência do *eu*. Por sua vez, este *eu* instalado no discurso funciona como âncora para a expressão do puramente vivido e parece, no curto intervalo de duração do acontecimento, levar de roldão o observador consigo, num processo de *somação*, em que as figuras do sujeito (*eu*), do objeto (a secretária) e do observador se con-fundem na unidade *corpo-que-sente*. Este agudo centramento acaba por constituir um ponto de intensidade *tônica* e extensidade *átona*, fortemente imantado, que atrai para a experiência do vivido, simulado em discurso, inclusive o enunciatário.

Se “o actante observador é um lugar preparado pelo enunciador para o enunciatário, e um dos mais importantes elementos do efeito de real”, conforme definição apresentada acima, então, uma vez ocupando este lugar, o enunciatário passa a acompanhar as suas modulações tensivas, se deixando também centrar na *somação* da qual o *observador* foi sujeito.

Este movimento centrípeto fica bem representado no gráfico abaixo, que simula a saída da *aforia* do “silêncio” para o *acento* da “somação”, num andamento extremamente acelerado que encurta todo o espaço-tempo necessário para o exercício da razão.

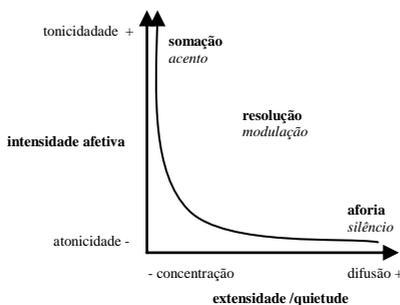


Gráfico 1

No entanto, o estado de coisa que assim se inaugura é para o observador algo *inquietante*. Por isso, ele deseja ver o restabelecimento do antigo estado. Tudo se passa como se anteriormente ao acontecimento inesperado vigorasse um estado de fraca intensidade conjugado com extensidade máxima, ou seja, um estado sobre o qual o *enunciador-observador* tinha pleno domínio cognitivo, total *poder* de previsibilidade: um estado de *espera relaxada*, enfim, em que os acontecimentos não fugiam ao horizonte de suas expectativas.

Para esquematizar este fato, podemos recorrer, no âmbito da semiótica tensiva, às postulações de Zilberberg, fundamentadas em Valéry (1973), autor da fórmula “o que não é (ainda), (já) é – eis a espera”. Como se trata de uma *espera relaxada*, dentro do completamente previsível, podemos dizer que o objeto esperado não impacta o campo de presença ou simplesmente apresenta intensidade átona (área da *aforia/silêncio/espera relaxada* no gráfico abaixo).

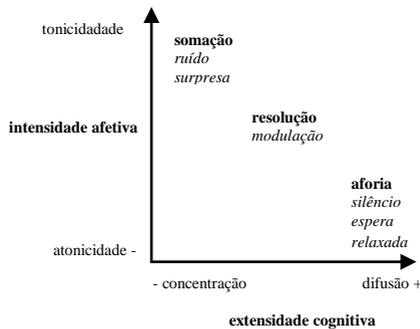


Gráfico 2

Na leitura do texto de Saramago, percebe-se que a *tranquilidade* garantida pelo predomínio da dimensão cognitiva é o valor *eufórico* para o enunciador. Isto nos faz supor a existência de um estado anterior abalado pela irrupção do acontecimento, considerada agora *não-eufórica* porque se constitui como *parada da continuação* de um estado *eufórico* anterior. Da presença forte do valor *eufórico* *tranquilidade* parece depender o *relaxamento* do

enunciador. O valor contrário, *inquiétude*, é fonte de *tensão* para ele, que parece *querer não* viver exclusivamente sob o regime do *afeto*. Portanto, para o enunciador, *racionalizar* o vivido funciona como antídoto contra o domínio da *emoção intensa*. Por isso, ele delega ao actante *observador* a tarefa de desdobrar cognitivamente o estado passional vivido, conforme o esquema tensivo descendente a seguir.

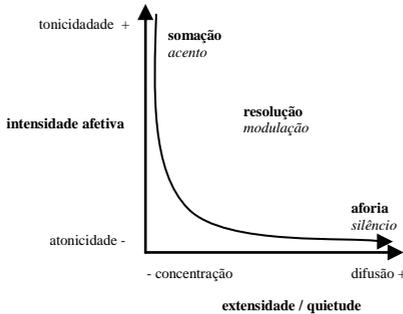


Gráfico 3

A metáfora antitética construída no texto (“lençóis lavados na cama” / “lençóis sujos enrolados no saco da lavanderia”) parece atender, principalmente, à necessidade de resolução racionalizante da emoção vivida em conjunto pelos actantes do enunciado (o *eu* e a secretária) e da enunciação (o observador). Assim, o enunciador apazigua seu estado de alma ao restabelecer o domínio extenso da *quietude* no estado de coisa descrito e promove a prevalência da *extensidade cognitiva* no campo discursivo, resolvendo racionalmente o conflito entre o *corpo-que-sente* e o *observador*, actante cognitivo, por excelência. Este último, enfim, retoma a sua função precípua depois da presença impactante do acontecimento que o afetou intensamente no curto lapso de tempo de sua duração, e, assim, o enunciador re-instaura no discurso o predomínio da *tranquilidade*, seu valor eufórico primordial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na medida em que o discurso se constrói em ato, alicerçado sobre bases interacionais, haverá sempre um ponto de ancoragem comandando sua organização. Logo, o corpo semiótico deve ser

compreendido como um centro do discurso, que, na discursivização, abarca tanto o modo de presença do enunciador quanto a maneira pela qual ele dispõe, organiza e orienta seus conteúdos na superfície textual, por meio da figura do *observador*.

Com efeito, o *observador* nada mais é do que um dos desdobramentos desse centro discursivo, que precisa ser projetado para uma determinada posição enunciativa, seja actorial, temporal ou espacial, de modo a perceber e avaliar o objeto a ser interpretado.

Conforme pudemos verificar no trecho analisado, mediante a sensibilidade perceptiva com relação aos objetos textuais, o *observador*, ao agenciar cognitivamente o vivido, amplia ou restringe o campo de presença do discurso, com o intuito de orientar o perfil dos valores figurativos e temáticos selecionados durante o processo de discursivização.

Em suma, a orientação do discurso diz respeito a um complexo de funções enunciativas, dentre as quais se destaca o papel do *actante-observador*, que não deixa se ser correlato do *objeto-observado*. Somente dessa forma, entendemos ser possível explicar-se a relação existente entre corpo e observador no discurso em ato.

REFERÊNCIAS

- BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru/SP: EDUSC, 2003.
- FONTANILLE, J. **Semiótica do Discurso**. Tradução: Jean Cristtus Portela São Paulo: Contexto, 2007.
- FONTANILLE, J. “Point de vue: perception et signification”, in **Sémiotique et littérature. Essais de méthode**, Paris: PUF, 1999.
- FONTANILLE, J. **Les espaces subjectifs**. Une sémiotique de l’observateur. Paris: Hachette, 1989.
- FONTANILLE, J. & ZILBERBERG, C. **Tensão e significação**. São Paulo: Humanitas, 2001.
- GREIMAS, A.; FONTANILLE, J. **Semiótica das paixões**. São Paulo: Ática, 1993.
- GREIMAS, A. J. e COURTÉS, J.. **Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage**, tome 2. Paris: Hachette, 1986.

- GREIMAS, A. J. e COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.
- LANDOWSKI, E. O livro. In: GREIMAS, A. J. **Da Imperfeição**. Tradução: Ana Claudia de Oliveira. São Paulo: Hacker Editores, 2002.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MERLEAU-PONTY, M. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- SARAMAGO, J. **Manual de pintura e caligrafia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SARAIVA, J. A. B. **Pessoal do Ceará: o percurso de uma identidade e a identidade de um percurso**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.
- TATIT, L. ; LOPES, I. C. . **Elos de Melodia e Letra**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.
- VALÉRY, P. **Cahiers**, tomo 1. Paris: Gallimard, 1973, col. “La Pléiade”, p. 1290.
- ZILBERBERG, C. **Síntese da gramática tensiva**. Significação - Revista Brasileira de Semiótica, n. 25, p. 163-204. São Paulo: Annablume, 2006.